

O prefixo “não-”: polissemia e produtividade no processo de formação de palavras

Maria Regina Pante* e Andréia Cristina Menezes

Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: pantemr@ibest.com.br

RESUMO. Dentre os processos mais produtivos de enriquecimento do nosso léxico, encontram-se a derivação e a composição. A derivação, por sua vez, divide-se em prefixal e sufixal, sendo que, na primeira, o afixo antepõe-se à base, e, na segunda, pospõe-se, alterando o sentido do vocábulo derivado. Por meio desses processos, temos a formação freqüente de novas palavras, as quais podem ou não ser incorporadas ao nosso léxico. Este artigo pretende abordar de que forma o prefixo *não* vem sendo tratado dentro do processo de formação de palavras, a derivação prefixal, bem como de que forma ele é registrado nos principais dicionários da língua portuguesa, Aurélio e Houaiss, além de sua crescente produtividade em textos de diversos gêneros. Para complementar nosso estudo, procuramos, igualmente, realizar uma abordagem semântica do seu emprego, já que, para muitos, o prefixo *não* confere apenas sentido negativo à base. Vamos demonstrar que, na verdade, ele pode conferir-lhe outros significados que não o negativo e que essas mudanças de sentido se devem não somente ao significado desse prefixo, mas também ao significado da base no momento da derivação.

Palavras-chave: polissemia, produtividade, derivação, composição, semântica, formação de palavras.

ABSTRACT. The prefix “no”: polysemy and productivity in word formation process. Derivation and composition are among the most productive processes of our lexicon enrichment. Derivation, on its turn, is divided into prefixal and suffixal. The first one is placed before the base, while the second one is placed after it, modifying the meaning of the derivative word. These processes are the means by which new words are frequently formed and either incorporated to our lexicon or not. This paper aims at discussing how the prefix “no” has been treated within the word formation process, the prefixal derivation, as well as how it is registered in the main dictionaries of Portuguese language, such as: Aurélio, Houaiss, besides its increasing productivity in texts of diverse genres. In order to complete our study, we also searched for the use of a semantic approach, since many people believe that the prefix “no” only brings the base a negative meaning. We intend to show that, in fact, other meanings can be attributed to the prefix “no” and these changes of meanings are due to both the prefixal idea and the base meaning which occurs during the derivation process.

Key words: polysemy, productivity, derivation, composition, semantic, word formation.

Introdução

*Nihil mihi paintabilis violetur quam posse, dicendo, tenere hominum coetus, mentis allicere, voluntates impellere quo velit.*¹

A língua de um povo é dinâmica, transforma-se através do tempo, de forma que algumas palavras desaparecem; outras permanecem, adquirindo novos sentidos ou perdendo sentidos que já tinham;

palavras novas surgem, conforme as necessidades comunicativas de uma sociedade. Tais palavras novas são formadas, principalmente, por dois dos mais importantes e produtivos processos de formação de palavras disponíveis na língua portuguesa: a derivação e a composição.

Este artigo pretende abordar aspectos morfossintáticos e semânticos do prefixo *não* em formações da língua portuguesa, atestadas por dicionários e textos jornalísticos, e as conseqüentes alterações semânticas ocorridas com seu acréscimo em tais formações, além de abordar, igualmente, de

¹ Nada me parece mais útil do que poder, falando, manter as assembleias dos homens, aliciar as mentes, impelir as vontades para onde se queira. Marcus Tullius Cícero (Séc. I a.C.).

que forma gramáticos, lingüistas e filólogos têm tratado tal vocábulo, para depois apresentarmos nossa proposta de classificação.

Aspectos de derivação prefixal e por composição

Já há algum tempo, deixou-se de estudar a formação de palavras levando-se em consideração apenas o critério morfológico, uma vez que tanto este como o fonológico, o semântico, o sintático, o pragmático e o lexicológico são necessários à construção de palavras derivadas. Segundo Kastowsky (*apud* Rodrigues, 1999:24), “a formação de palavras não é, portanto, um setor auto-suficiente, pois os mecanismos com que opera não são dela exclusivos, caracterizando-se como um ponto de intersecção de diferentes segmentos da gramática”.

Segundo Rodrigues (1998), a formação de palavras envolve, em seu modelo: a *lexicologia* (uma vez que o léxico se constitui de entidades lexicais suscetíveis de construir novas palavras), a *morfologia* (já que a construção de palavras implica a presença de afixos e alterações tanto na estrutura das bases quanto em suas dimensões fonológicas e semânticas), a *sintaxe* (não só porque os derivados se enquadram em categorias sintáticas, como também porque se constituem por uma combinatória de elementos) e a *pragmática* (uma vez que esta estuda a língua em uso, e a formação de palavras é instrumento de interação).

Entende-se por derivação prefixal ou prefixação o acréscimo a uma base de um elemento, o prefixo, o qual, na maioria das vezes, é de origem grega ou latina, conservando, via de regra, uma relação de sentido com a base à qual se agrega. Em gramáticas da língua portuguesa, há extensas listas de prefixos gregos e latinos acompanhados de seus respectivos significados. Além disso, não só nelas, mas também em manuais de lingüística, ainda se encontra que prefixos se agregam apenas a bases adjetivas e verbais. Ademais, ao contrário dos sufixos, os prefixos não são capazes de modificar a classe gramatical das palavras. Assim, a sua junção criará novas palavras, com diferentes significados, ainda que pouco nítidos, mas não terá a propriedade de alterar a classe gramatical da base: ver/rever, olhar/entrecolhar, amor/desamor, feliz/infeliz, quieto/inquieto/desinquieto.

No entanto, observando atentamente os dicionários e, principalmente, as formações recentes, percebe-se que tal não é a realidade de nossos prefixos, haja vista formações como: *desamor*, *inverdade*, *não-governamental*, que ferem regras

impostas por gramáticas e por vários manuais de lingüística, pois o prefixo, nos dois primeiros exemplos, antecede nomes substantivos e, no último, o advérbio de negação, que não é abordado nas gramáticas, exerce função prefixal diante de um adjetivo.

Não bastassem tais contradições, ainda temos a imposição da falsa idéia de que prefixos são formas presas e, isoladamente, não possuem sentido: *in-*, *ante-*, *sub-*. Se assim for, o que dizer de *contra* e *entre*, partindo-se do pressuposto de que se pode dizer: *Você está contra-mão*. *Você é do contra*. A porta está *entreaberta*. Ela está *entre* a cruz e a espada.

Se tomarmos, como fez Widdig (1982), aspectos semânticos para fundamento da classificação, defrontamo-nos com o fato de que muitos prefixos têm mais de um significado. Esse é, por exemplo, o caso dos prefixos extra-, super- e ultra- que, por um lado, podem ter sentido local e, por outro, indicar graduação ou hierarquia. Se se tomam como fundamento as possibilidades combinatórias, deve-se levar em consideração o fato de que muitos prefixos se unem tanto a bases substantivas como a adjetivas e verbais (Sandmann, 1996:13).

Elementos como esses, no português atual, são usados como formas livres e, por isso, segundo alguns autores, podem entrar no processo de composição. Kury e Oliveira (*apud* Monteiro, 1991:128) admitem a existência de prefixos auxiliares da derivação e outros mais ligados à composição.

O ser elemento livre ou preso não tem sido suficiente para distinguir prefixação de composição, embora a maioria dos prefixos sejam elementos presos. As gramáticas tradicionais incluem, por exemplo, contra e além, elementos que também ocorrem livremente na frase, entre os prefixos. Modernamente é muito fecunda a formação de palavras complexas com não (não-tradicional, não-lançamento), considerado em geral prefixo. (...) o que distingue o prefixo é o fato de ele expressar uma idéia geral, idéia expressa por preposições (sem-vergonha, co-ministrar), advérbios (rebatizar, não-alinhado) e adjetivos: superdocente, não-tecido (Sandmann, 1992:36).

A isso acrescenta Monteiro,

Além disso, outros critérios como a produtividade e autonomia morfológica deveriam ser levados em conta para distinguir a raiz de um simples prefixo. Se o morfe tiver sentido sozinho num contexto frasal ou situação comunicativa, não constituirá forma presa. Com maior razão ainda, se ele for capaz de receber morfemas derivacionais, produzindo vocábulos derivados (1991:129).

Se considerarmos os critérios adotados por esse autor, o vocábulo “não”, por sua autonomia morfológica, bem como pela sua produtividade em formações atuais, seria classificado como forma livre

e, portanto, como elemento de composição, e não como prefixo. No entanto, o vocábulo “não”, embora morfe de significação própria com produtividade, não pode ser considerado raiz, já que não deriva outros vocábulos. As contradições, portanto, continuam.

A composição é um processo de formação no qual são unidos dois ou mais vocábulos que possuem significação própria que, segundo Coutinho (1969:175), combinam-se para representar uma idéia nova e única.

Macambira (1978) conceitua composição como a junção de dois ou mais vocábulos, ditos *componentes*, que formam outro vocábulo, denominado *vocábulo composto*, ou apenas *composto*, com substantivação do participio. Para ele, a composição divide-se em: *radico-radical* (o primeiro componente pertence ao sistema aberto, isto é, corresponde à classe dos substantivos, dos adjetivos, dos verbos) e *prefixo-radical* (o primeiro componente pertence ao sistema fechado, isto é, corresponde à classe dos pronomes, dos numerais, dos advérbios ou das preposições).

Para esse autor, portanto, o prefixo *não* tem o estatuto de prefixo-radical, já que se trata de um advérbio, cuja classe pertence ao sistema fechado. Para Sandmann, no entanto,

O fato de que não também ocorre livremente exclui a classificação como prefixo. Por outro lado, não se presta à formação de palavras em série e há divergências sintáticas a registrar entre o advérbio não e o prefixóide não. O correspondente livre tem função adverbial na frase: nega sempre o verbo (com o que se pode dizer nega a frase toda) ou um constituinte da frase. Na estrutura lexical, não tem uma função adjetiva, específica, como determinante, o constituinte lexical segue, podendo assim, em situação diversa da frase, ser unido também aos substantivos (...) (1996:112).

Segundo esse autor, o vocábulo “não”, dependendo do ambiente sintático em que se encontra, pode ser um prefixo, quando anteposto a uma base, determinando-a, ou uma forma livre, exercendo a função de advérbio, negando uma frase toda ou apenas um verbo.

Em estudo recente, bastante aprofundado em termos de estrutura morfológica da língua portuguesa, Villalva (2000) aponta algumas características interessantes, as quais nos levam a repensar de que forma seria possível classificar o prefixo *não* e outros que a ele se assemelham em formações já cristalizadas e em novas formações que vêm surgindo. Para ela,

como é sabido, ainda que, por vezes, sejam formalmente idênticos a preposições (cf. contra-ataque, sobrecasaca) ou advérbios (cf. benfeitor, maldizer, não-violência) existentes

em Português, ou em Latim (cf. inter-relação, predestinar), os prefixos não possuem informação relativamente à categoria sintática (visto que não podem percolar essa informação). Não é, pois, surpreendente que, na tradição gramatical portuguesa, a prefixação tenha por vezes sido considerada como um tipo de composição, ou que formas como auto devam, segundo alguns autores” (...) constituir um tipo particular, sendo designados por vezes de prefixóides ou pseudo-prefixos, “por apresentarem um acentuado grau de independência” e possuírem “uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e, portanto, de um sintagma (2000: 357-358).

Partindo dos conceitos apresentados e considerando a análise dos verbetes encontrados em dicionários, bem como em textos jornalísticos, os quais apontam a recente produtividade das formações com “não”, estamos de acordo com Villalva (2000), preferindo considerar o vocábulo “não”, dentro do processo de formação de palavras, como prefixo ou afixo anteposto à base.

Um aspecto que, no entanto, Villalva (2000) não aborda é o do significado que o “não”, enquanto prefixo, pode ter, pois, enquanto advérbio, sua significação é bastante clara: negar a idéia contida em um verbo ou em uma frase inteira. Além disso, nessa segunda possibilidade, a de advérbio, não há qualquer ampliação do léxico. Como prefixo, no entanto, a situação é bastante distinta: antepõe-se a diversas bases, determinando-as.

A anteposição de “não” a diversas bases, formando novas palavras e, conseqüentemente, ampliando o léxico (o que pode ser ratificado em dicionários), não é, no entanto, tão simples como parece. À primeira vista, o falante de língua portuguesa pode pensar que, a exemplo do que acontece com o advérbio homônimo “não”, a idéia do prefixo é sempre a de negação. Tal situação, porém, nem sempre ocorre, como poderemos constatar.

O semantismo do prefixo “não-” em formações dicionarizadas e em textos jornalísticos

Ao consultarmos dois dos mais abrangentes e importantes dicionários da língua portuguesa no Brasil, *Novo Aurélio Século XXI* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (doravante Aurélio e Houaiss), constatamos que, a exemplo do que trazem as nossas gramáticas, o vocábulo “não” consta como advérbio de negação e, às vezes, como interjeição. Não há, portanto, qualquer referência à possibilidade de uma forma homônima poder funcionar como prefixo. Apesar disso, curiosamente, quando esse vocábulo precede substantivos, não há divergências quanto ao

emprego do hífen nos dois dicionários consultados. No entanto, quando se trata de bases adjetivas, o Aurélio continua a registrá-las com hífen, o que não corresponde a Houaiss. Neste, encontramos, diante dos verbetes, a orientação: “no caso de uso adjetivo, sugere-se fazê-lo como locuções, sem o hífen”, ou, ainda: “neste caso, mantido o hífen do adjetivo por se tratar de uso consagrado no jargão técnico”.

Ora, a que locuções Houaiss se refere? As gramáticas tradicionais registram três tipos de locução: *prepositiva*, *interjetiva*, *conjuntiva*. A *prepositiva* é o conjunto de duas ou mais palavras com valor de preposição (a fim de, além de, antes de etc.) e que sempre termina por preposição; a *interjetiva* é o conjunto de duas ou mais palavras com o valor de interjeição (Ora bolas!, Ai de mim!, Santo Deus! Etc.), a *conjuntiva* é o conjunto de duas ou mais palavras com valor de conjunção (sem que, a fim de que, à medida que, logo que etc.) e que sempre termina por conjunção. Além disso, sob o aspecto formal, tais locuções, como se vê, são invariáveis.

Dois aspectos falam contra a postura de Houaiss. O primeiro diz respeito ao aspecto formal que apresentam as formações com o prefixo *não*, pois, ao passo que as locuções são invariáveis, os vocábulos precedidos de *não* são passíveis de um morfema de plural: *não-iluminado(s)*. O outro aspecto concerne ao fato de que Houaiss ora aconselha o emprego do hífen (quando se trata de uso consagrado no jargão técnico: *não-holônomo*, *não-passeriforme*, *não-nulo* etc.), ora aconselha o contrário, quando o vocábulo é empregado com função de determinante: *os não-fumantes* (substantivo-determinado), porém, *passageiros não fumantes* (adjetivo - determinante). Atente-se, também, para a definição do verbo: *aquele que não fuma*. Ora, tal definição adequa-se, perfeitamente, a ambos os empregos: Os não-fumantes (aqueles que não fumam) e os passageiros não-fumantes (aqueles que não fumam). Percebe-se assim que, sintaticamente, não há qualquer diferença entre os dois empregos, apenas que um é o termo determinado e o outro, determinante, ou seja, são passíveis de uma mesma paráfrase.

Quanto ao aspecto semântico do prefixo *não*, se tomarmos a significação de negação dada ao advérbio, para analisarmos o prefixo homônimo nas formações já existentes em dicionários, bem como naquelas que vêm surgindo com frequência, veremos que, nem sempre, a idéia de negação está presente. Há, além dela, outras como a de ausência/falta, oposição/recusa/abstenção e falha, permitindo paráfrases bem distintas daquela acima citada, cujo valor é o de negação.

Segundo Kastowsky (1986 *apud* Rodrigues, 1998), Basílio (1998) e Rodrigues (1998), a produtividade de uma regra, enquanto possibilidade de construir novos vocábulos, é decorrente do número e do tipo de restrições que ela impõe às bases e aos afixos, e não se confunde com o número de produtos que gera. Rodrigues (1998: 6), por exemplo, cita dois aspectos distintos a serem considerados em relação à produtividade: o alcance da regra, que é determinado pelo grau de especificidade semântica de seus produtos, e o número e o tipo de restrições que a caracterizam.

Na organização do trabalho, utilizamos como *corpora* o *Novo Dicionário. O Dicionário da Língua Portuguesa: Século XXI (2001)*, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001)* e o jornal *Folha de São Paulo*. Analisados esses *corpora*, observamos que o *Dicionário Aurélio* registra 67 verbetes prefixados por “não-”, enquanto o *Dicionário Houaiss* registra 53, os quais não são totalmente idênticos aos do outro dicionário, ou seja, alguns vocábulos aparecem em um e não aparecem em outro.

Segundo Alves (1992: 106), “o não- associa-se a bases adjetivas, substantivas e a formas participiais que exercem função adjetival.” Nota-se, no entanto, que os dicionários registram outras que não seguem essa regra:

não-eu (Aurélio e Houaiss)
pronomes

não-fazer-nada (Aurélio)
verbo-advérbio

não-me-deixes (Aurélio e Houaiss)
pronomes-verbo

não-me-esqueças (Aurélio e Houaiss)
pronomes-verbo

não-me-toques (Aurélio e Houaiss)
pronomes-verbo

não-sei-quê (Aurélio e Houaiss)
verbo-conjunção

não-sei-que-diga (Aurélio e Houaiss)
verbo-conjunção-verbo

não-ser (Aurélio e Houaiss)
verbo

não-sofrer (Aurélio)
verbo

não-te-esqueças (Houaiss)
pronomes-verbos

não-te-esqueças-de-mim (Aurélio e Houaiss)
pronomes-conjunção-preposição-pronome
Sandmann (1996: 113) afirma que o *não* é um prefixo que indica, simplesmente, a não-presença de uma qualidade: *não-humano*. Por causa de sua neutralidade, seu emprego presta-se, especialmente, a textos científicos.

Ainda em relação a essas palavras dicionarizadas, percebe-se que nem todas são antecedidas do prefixo com função de determinante: ▪ *não-fazer-nada*; ▪ *não-me-deixes*; ▪ *não-me-esqueças*; ▪ *não-me-toques*; ▪ *não-sei-quê*; ▪ *não-sei-que-diga*; *não-te-esqueças-de-mim*.

São, na realidade, verdadeiros sintagmas, formados por elementos que não podem ser dissociados dos significados distintos de suas partes. Assim, temos *não-fazer-nada* como expressão tomada ao italiano (*far niente*), que significa ócio, literalmente, ou seja, não se trata, na realidade, de um novo vocábulo, mas de um sintagma tomado *ipsis litteris*, fato que já não ocorre com *não me esqueças* e *não-te-esqueças-de-mim*, em que a união dos vocábulos passa a significar, na linguagem popular, o nome de um gênero de plantas herbáceas da família das boragináceas, de flores pequeninas, muitas das quais cultivadas em jardins ornamentais. Obviamente que o nome popular originou-se da beleza desse gênero de flores pequeninas, as quais, uma vez vistas, tornam-se inesquecíveis pela sua beleza. Da mesma forma, *não-me-deixes* forma-se para denominar, popularmente, erva alta, da família das compostas, cujas flores, de coloração geral amarela, pequenas e muito numerosas, agregam-se em capítulos amplos. *Não-me-toques*, espinho-de-santo-antonio ou dormideira, tem esse nome porque se trata de uma planta que, ao ser tocada, se fecha, não aceitando qualquer tipo de toque; *não-sei-que-diga*, expressão que, no nordeste, significa diabo. Como, segundo a crença popular, não se deve pronunciar seu nome, muitas vezes diabo é substituído por expressões, dentre elas: *não-sei-que-diabo-ele-me-disse*, que é substituído por *não-sei-que-diga*, em que ocorre o emprego da primeira sílaba de diabo, apenas. Finalmente, a expressão *não-sei-quê*, sinônimo de cachaça, já que, depois que se bebe, não se sabe de mais nada, devido à embriaguez.

Excetuando-se tais expressões, resta-nos o vocábulo *não* empregado como prefixo, conferindo à formação o estatuto de palavra derivada por prefixação e determinando o elemento tomado por base. É o caso do seu emprego com acepções diversas, conforme atestadas em dicionários, nos

quais encontramos outros sentidos para este prefixo: *abstenção*, *ausência*, *falha*, *falta*, *oposição*, *negação*:

- *abstenção*: privação, impedimento, ato de não intervir;
- *ausência*: estado ou condição de ausente; falta; carência;
- *falha*: defeito;
- *falta*: ato ou efeito de faltar; ausência; privação;
- *negação*: ato de negar; rejeição, recusa;
- *oposição*: ato ou efeito de opor-se; vontade contrária; antagonismo, contrariedade, contestação, réplica, objeção, refutação.

À primeira vista, pode-se pensar que o prefixo *não* pode antepor-se a qualquer tipo de base, indistintamente. No entanto, uma revisão mais atenta de seu emprego permitirá algumas conclusões. Por exemplo: se antepusermos o *não* a bases adjetivas, via de regra, obteremos um sentido de negação, em que o *não* nega, totalmente, o sentido da base adjetiva. O mesmo, no entanto, não ocorrerá com bases substantivas, como podemos ver no quadro abaixo, em que encontramos outros sentidos, além do de negação, ou seja, o valor da base é que vai reger, muitas vezes, a idéia resultante na formação:

1. Negação/idéia contrária (prefixo + adjetivo)

não-alinhado, *não-aromático*, *não-arredondado*, *não-beligerante*, *não-combatente*, *não-compartilhado*, *não-conformista*, *não-conservativo*, *não-contável*, *não-distribuído*, *não-empresarial*, *não-engajado*, *não-essencial*, *não-euclidiano*, *não-existente*, *não-formal*, *não-fumante*, *não-governamental*, *não-holonômico*, *não-holônimo*, *não-iluminado*, *não-intervencionista*, *não-inversor*, *não-letrado*, *não-ligado*, *não-linear*, *não-lingüístico*, *não-localizado*, *não-natural*, *não-nulo*, *não-operacional*, *não-orientável*, *não-participante*, *não-passeriforme*, *não-periódico*, *não-saturado*, *não-segmental*, *não-seletivo*, *não-simétrico*, *não-singular*, *não-tendencioso*, *não-verbal*, *não-viciado*, *não-viesado*, *não-vocálico*, *não-volátil*.

Vê-se que todos eles são passíveis de uma paráfrase em: “que não é ou não está X, em que X é uma base nominal, ou, ainda, “que não é um ser que pratica a ação expressa por X”, em que X é uma base verbal.

Diante de substantivos, no entanto, o *não* apresenta sentidos diversos:

2. Ausência/falta (prefixo + substantivo)

não-asonância, *não-contradição*, *não-cooperação*, *não-cumprimento*, *não-intervenção*, *não-popularidade*, *não-intervencionismo*, *não-poder*, *não-proliferação*, *não-sofrer*, *não-sofrimento*.

Esses exemplos, ao contrário dos acima elencados, não apresentam uma idéia de recusa, oposição ou negação, mas a de falta de algo, ausência. Assim, podem ser parafraseados por falta/ausência de assonância, de contradição, de cooperação, de cumprimento, de intervenção, de popularidade, de intervencionismo, de poder, de proliferação, de sofrer, de sofrimento.

3. Oposição/negação/recusa (prefixo + substantivo)

não-agressão, não-alinhamento, não-beligerância, não-conformismo, não-discriminação, não-engajamento, não-violência.

Nesses exemplos, o que se percebe é que ocorre a oposição do sentido da base. Assim, temos a paráfrase: “agir contrariamente (a), recusar-se (a)”: à agressão (agredir), ao alinhamento (alinhar), à guerra (guerrear), ao conformismo (conformar-se), à discriminação (discriminar), ao engajamento (engajar-se) e à violência (violar/praticar a violência).

4. Negação (prefixo + substantivo)

não-existência, não-ficção, não-metal, não-padrão, não-salariado, não-ser.

Esses exemplos, por sua vez, não trazem a idéia de “negação/recusa/oposição”, nem a de “falta/ausência”, mas sim a de “negação”, em seu sentido estático. Eles podem ser parafraseados por “que não é X ou que não apresenta X, em que X é elemento determinado (substantivo ou elemento substantivado)”. Percebe-se que as paráfrases “recusa-se à existência” ou “falta de existência” não podem ser empregadas nesses contextos, pois aqui cabe tão e somente a idéia de negação, pura e simplesmente, a exemplo do que acontece com os adjetivos precedidos de *não*: “que não existe, que não é ficção, que não é metal, que não é padrão, que não recebe salário ou que não é assalariado, que não é um ser ou que não é ser”.

5. Falha (prefixo + substantivo)

não-disjunção.

Esse exemplo, empregado em Citologia, foi o único que apresentou a idéia de falha: “falha na separação adequada de duas cromáticas ou de dois cromossomos homólogos durante a divisão celular”, ou seja, o esperado é que ocorra a disjunção/separação, mas isso não acontece, ocorrendo, então, a falha.

Por meio desse quadro de possibilidades semânticas do emprego de “não” em função prefixal,

é possível observar o grau de dificuldade encontrado na compreensão de tal processo. Além do mais, constata-se que a afirmação de Sandmann (1996: 113), acima referida, não corresponde à realidade desse prefixo, pois a grande maioria dos verbetes acima arrolados não pertencem à linguagem técnica e, muito menos, trazem tão-somente a idéia da não-presença de uma qualidade.

O levantamento apresentado acima, embora possa permear possibilidades claras de regras com esse prefixo, ainda é insuficiente, já que os dicionários mencionados/analizados não trazem, na maioria das vezes, os verbetes contextualizados e sim, o seu significado isolado. É preciso, para uma maior exatidão do emprego de *não*, um levantamento mais sistemático nos mais variados tipos de textos (técnicos, científicos, jornalísticos etc.), de forma a sistematizar o significado conforme as bases às quais o prefixo é anexado.

Buscamos, ainda que em um *corpus* restrito, neologismos com o prefixo *não* e, após termos analisado os verbetes dicionarizados, passamos à recolha de elementos em textos jornalísticos, a fim de comprovar a produtividade desse prefixo na formação de novos vocábulos e em que tipos de textos isso ocorria com maior frequência. Escolhemos o jornal *Folha de São Paulo* e alguns números da revista *Veja*; aquele foi cuidadosamente analisado, durante um período de trinta dias, e esta última foi tomada, de forma aleatória, em textos de diversos gêneros.

No que se refere à *Folha de São Paulo*, constatamos que tais neologismos são mais frequentes em textos políticos, estando ausentes de outros cadernos do mesmo jornal. Notamos, ainda, que nem todas as formações encontradas nessas edições de textos jornalísticos estão registradas em um dos dicionários analisados, fato que pode sugerir uma crescente produtividade: *não-pagamento, não-unânime, não-biológico, não-vencidos, não-segurança, não-pobres, não-atendimento*. Já a revista *Veja* apresentou neologismos em textos de gêneros diversos, tais como: *não convencional, não-hierarquia, não descritas, não realizadas, não satisfeitas*.

Percebe-se que tais exemplos, nenhum dicionarizado, encaixam-se perfeitamente no quadro acima descrito. Assim, temos: prefixo diante de adjetivos com o sentido de negação (*não-unânime, não-biológico, não-vencidos, não-pobres, não-convencional, não-descritas, não-realizadas, não-satisfeitas*), acompanhado de hífen em todos os derivados da *Folha*. O mesmo não acontece com a revista *Veja*, que procurou seguir o que prescreve Houaiss: quando empregados como adjetivos, não se deve

colocar hífen. Os substantivos, no entanto, foram todos empregados com hífen, a exemplo dos dois dicionários consultados, e apresentaram o sentido de falta/ausência: *não-pagamento*, *não-segurança*, *não-atendimento*, *não-hierarquia*.

Considerações finais

Conforme foi visto ao longo deste trabalho, optamos pela classificação de *não* como prefixo, sempre com o emprego do hífen, levando em consideração, principalmente, o fato de que, embora forma livre, trata-se de um vocábulo pertencente ao sistema fechado (advérbio), além de apresentar funções distintas, conforme o ambiente morfosintático em que se encontra: quando, sintaticamente, modifica algum termo da oração, trata-se de advérbio; quando se encontra anteposto a um nome, verbo ou pronome, determinando-o, trata-se de prefixo, responsável pela ampliação do léxico, característica básica dos afixos.

Enquanto prefixo, foi possível verificar que seu significado não é único. Ao contrário, trata-se de um morfema plurissêmico que depende do ambiente morfosintático e, por conseguinte, do significado da base à qual se agrega. Levar em consideração apenas seu significado não é suficiente para abordar o processo de formação das palavras. Isso significa que não é mais possível falar apenas em morfologia isoladamente, mas, principalmente, em semântica, embora tenhamos igualmente que pensar em outros componentes da gramática.

Quanto às formações novas com esse prefixo, fica claro que, se levarmos em conta apenas textos jornalísticos com ênfase em política, não será possível determinar sua alta ou baixa produtividade. Para que isso seja possível e, principalmente seguro é

necessário, antes, proceder à análise de outras modalidades textuais. Até onde se pôde analisar, é provável que haja uma clara possibilidade de sistematização de regra para o emprego de *não* como prefixo. No entanto, só uma pesquisa mais aprofundada, com textos de vários gêneros, bem como com textos do português falado, será possível realizar, efetivamente, tal sistematização.

Referências

- ALVES, I. M. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1992. v.2. p.101-109.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- MACAMBIRA, J. R. *Português estrutural*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1978.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Pontes, 1991.
- RODRIGUES, C. V. *Formação de palavras: regras com prefixos de localização*. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 1998.
- RODRIGUES, C. V. Regras com prefixos de localização. *Acta Scientiarum*, 21, n.1, p.57-62, 1999.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas – unidades e hierarquias nas palavras do português*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Received on November 08, 2002.

Accepted on February 17, 2003.